



## **OPERAÇÕES *ROLLING THUNDER* E *LINEBACKER* NA GUERRA DO VIETNÃ: UM ESTUDO COMPARATIVO DAS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS E MILITARES<sup>1</sup>**

Jorge Sebastião de Freitas

**Resumo:** Este é um estudo das grandes operações aéreas realizadas pelos Estados Unidos durante a Guerra do Vietnã, *Rolling Thunder* e *Linebacker*, e ambas tinham o objetivo principal de levar o governo do Vietnã do Norte a um acordo de paz que pusesse termo ao conflito. Para os Estados Unidos era a questão de sair de uma Guerra impopular no seu país, mas precisando manter o seu prestígio internacional garantindo a independência do Vietnã do Sul. Para o Vietnã do Norte era a questão puramente política que assegurasse a reunificação dos dois países. O estudo visa estabelecer uma relação entre as operações no que tange às influências políticas dos governos dos Estados Unidos nos respectivos períodos em que foram realizadas, as atitudes dos militares nessas condições e um detalhamento das ações, armamentos, aeronaves, táticas e personagens envolvidos.

**Palavras-chave:** Guerra do Vietnã. Estratégia Político-Militar. Aviação Militar.

### **1 INTRODUÇÃO**

A Guerra do Vietnã afetou por gerações a história dos Estados Unidos da América. Toda a política externa americana foi influenciada posteriormente por aquele conflito. Apesar de nos dias atuais deter uma posição de maior potência mundial consolidada, as lembranças daquele conflito ainda atualmente pairam sobre o seu povo. Todas as ações militares realizadas a posteriori refletem claramente as influências políticas e militares daquela época.

Claramente o comportamento político dos governantes foi não mais se envolverem nas atividades militares amiúde, dando aos Chefes de Estado-Maior mais liberdade de ação, cabendo ao Presidente às decisões que lhes são inerentes. As interferências militares são medidas e dosadas, voltadas para soluções de curto prazo. No campo tático a influência se mostra muito clara no desenvolvimento de armas capazes de superar o inimigo no campo de batalha.

O poder aéreo é um conceito desenvolvido entre as duas guerras mundiais defendido pelo general italiano Giulio Douhet, pelo marechal do ar britânico Hugh

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História Militar.



Trenchard, pelo general americano William Mitchel e o engenheiro aeronáutico russo radicado nos Estados Unidos Alexander Seversky em que a aviação por si só poderia derrotar o inimigo levando a guerra ao seu território, característica observada no planejamento das operações *Rolling Thunder* e *Linebacker*.

O desenvolvimento do poder aéreo que foi aprendido no Vietnã se mostrou crucial. Aeronaves que evitam a detecção pelo radar, treinamento aprimorado o mais próximo possível da realidade, coordenação de comando e controle, operações globais envolvendo reabastecimentos em voo, armas de alta tecnologia possibilitando maior precisão e o deslocamento logístico altamente capacitado, são alguns dos exemplos mais importantes daquela experiência no Sudeste Asiático.

Nenhuma experiência aprofundou mais as doutrinas para operações do que as campanhas aéreas no Vietnã (HELLION, 2018 p. 91). Duas décadas depois sobre os desertos do Oriente Médio, os aviadores americanos conseguiram evitar que outro conflito se tornasse gradualmente um consumidor de vidas como acontecera no Sudeste Asiático. Eles transformaram definitivamente o poder aéreo de uma forma bastante eficaz na Guerra do Golfo.

Os Estados Unidos realizaram na Guerra do Vietnã as operações aéreas *Rolling Thunder* de 1965 a 1968 e *Linebacker* em 1972. Visavam principalmente obrigar os norte-vietnamitas a um acordo de paz que favorecesse os Estados Unidos, mas somente a *Linebacker* conseguiria atingir este objetivo em uma segunda fase chamada *Linebacker II*. A *Rolling Thunder* fracassou totalmente, a *Linebacker* também evitou a invasão do Vietnã do Sul além de obrigar os norte-vietnamitas a negociar.

A experiência deu nova perspectiva para a guerra aérea no Vietnã. As restrições na *Rolling Thunder* se mostraram autodestrutivas. A reputação da defesa aérea no Vietnã do Norte mereceu todo o respeito, sendo mais eficaz do que previsto. Mas as campanhas subsequentes mostraram que habilidade e perseverança poderiam superar defesas ainda mais elaboradas. Elas poderiam então garantir o apoio aéreo no Sul para repelir a invasão norte-vietnamita.

A recuperação do poder aéreo americano começou antes da *Linebacker* e perdurou anos depois de terminado o conflito. Ajudou a mudar o planejamento das operações cujas doutrinas estavam focadas em uma possível guerra nuclear com a União Soviética para uma concepção mais variada e flexível. Quando a guerra realmente terminou havia muito que fazer. Os avanços tecnológicos estavam apenas no início e a nova precisão do poder aéreo americano ainda estava no futuro.



As campanhas aéreas no Vietnã do Norte consumiram menos bombas do que as usadas no Vietnã do Sul e no Laos. Mas o investimento intelectual e emocional naquelas foram maiores. Também é preciso levar em consideração as condições climáticas, que nem sempre eram favoráveis principalmente na estação chuvosa.

A combinação de bombardeiros pesados e reabastecimento em voo permitiram os ataques de longo alcance, uma capacidade não explorada até que a guerra estivesse quase no fim. Isso mostrou também que apesar do desenvolvimento dos mísseis balísticos intercontinentais e dos submarinos de mísseis balísticos, as ações de bombardeiros pesados se mostravam muito viáveis, podendo ser usados sem os riscos de desencadear uma guerra nuclear (EMERSON, 2018 p.116).

Foi necessário o incremento em combate dos aviões embarcados da Marinha, a principio pelo medo de se usar bombardeiros pesados próximos da fronteira com a China, mas os B-52 com seus radares e grande quantidade de bombas poderiam, se usados desde o início do conflito, produzir danos muito mais severos em alvos no Vietnã do Norte além de poderem ser utilizados tanto de dia quanto de noite e nos períodos de tempo nublado característicos da região.

A proibição política para o uso da total capacidade de bombardeio dos B-52, por outro lado, acabou estimulando o desenvolvimento do bombardeio de precisão. As buscas por uma forma de atacar nas difíceis condições climáticas da região também levaram ao teatro as bombas guiadas a laser e eletro-ópticas. O comando e o controle teve que ser totalmente reorganizado. Os comandantes no teatro de operações finalmente compreenderam que suas divergências deviam ser mitigadas.

Todos estes fatores combinados acabaram por mostrar que era possível usar o poder aéreo de forma eficiente. Uma vez liberado dos entraves políticos podia ser usado como um fator não apenas limitador, mas capaz mesmo de decidir um conflito. Os acontecimentos posteriores mostraram seu valor quando a eficiência de seu emprego tornou muito mais efetiva o uso dos meios de ataque.

O poder aéreo se mostrou decisivo no conflito, sem a sua interferência tática e estratégica, ele certamente teria se prolongado muito mais. A política pode ser danosa quando interfere de forma direta no planejamento de operações militares. Particularmente durante a Operação *Rolling Thunder* decisões políticas equivocadas só contribuíram para o fracasso da campanha.

É óbvio que o presidente decide a necessidade do emprego ou não do poder



militar e pode até mesmo exigir o cumprimento de regras de engajamento, mas em campanha sua interferência, como o autor teve o objetivo de demonstrar neste trabalho, pode ter consequências desastrosas limitando a autoridade de seus comandantes e interferindo de uma forma tal que até mesmo questões táticas acabem comprometidas.

Na *Rolling Thunder* a administração de Lyndon Johnson, de 1963 a 1969, de forma totalmente incoerente dominou o planejamento estratégico levando a uma situação atípica onde nem mesmo o Representante dos Chefes de Estado-Maior tinha voz ativa até em decisões de menor importância, contribuindo para o desastroso resultado. A doutrina para operações aéreas também contribuiu para esta debacle, mas poderia ter sido corrigida se dispusesse de liberdade de ação.

Na *Linebacker* a situação se inverteu, com as interferências políticas da administração de Richard Nixon, de 1969 a 1974, menos praticadas e os militares podendo desenvolver suas ações com maior liberdade. A operação anterior, apesar de fornecer um maior subsídio em termos de experiência tática, deixou marcas profundas na reação dos comandos em vários níveis sendo necessária uma reorganização das lideranças de modo que oficiais mais pragmáticos fossem sendo substituídos.

A escolha do tema tem como objetivo fazer um estudo comparativo a fim de mostrar o quanto estes fatores influenciaram as operações. Apresenta um quadro de como foram realizadas. A pesquisa analisou os acontecimentos em cada período. O estudo das decisões políticas de Lyndon Johnson e seus assessores passando pela *Rolling Thunder*. No governo de Richard Nixon o novo contexto internacional e a invasão do Vietnã do Sul culminando com os ataques de B-52 ao Vietnã do Norte.

Do ponto de vista da abordagem a pesquisa foi qualitativa já que a análise das informações foi feita pelo pesquisador, portanto, caracterizar-se-á por atribuições de natureza valorativa. Como o objetivo da pesquisa foi a de fazer uma análise sem interferir nos dados coletados, a pesquisa também foi descritiva. Foi dada ênfase na busca de informações que abrangeram os períodos envolvidos para seguir uma linha de tempo coerente.



## 2 A POLÍTICA E A GUERRA AÉREA NO VIETNÃ DO NORTE

O envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã se caracterizou pelo “gradualismo” uma política desenvolvida no governo do presidente Lyndon Jhonson. Afetaria completamente as operações militares contribuindo para o seu prolongamento. Duas operações aéreas foram lançadas contra o Vietnã do Norte para obrigar o governo norte-vietnamita a negociar uma paz favorável. Este trabalho visa estabelecer o quanto as relações político-militares contribuíram para os seus resultados.

### 2.1 A OPERAÇÃO *ROLLING THUNDER*

A *Rolling Thunder* é considerada, pela maioria dos historiadores militares, como a mais controversa operação da história envolvendo o poder aéreo dos Estados Unidos, superando até mesmo as complexas campanhas aéreas da Segunda Guerra Mundial onde erros e acertos também ainda são discutidos. Seu desenvolvimento entre 1965 e 1968 foi fortemente influenciado pela política de “gradualismo” do governo Lyndon Johnson.

Seus registros conturbados e polêmicos ajudaram a moldar a teoria e a prática da guerra aérea pelos Estados Unidos influenciando sua doutrina, treinamento, planejamento e execução operacional que se evidenciaram gradualmente nas campanhas aéreas subsequentes repercutindo até os dias de hoje. Sua prolongada ação expôs muitas falhas técnicas e táticas levando a um estudo profundo de suas causas e consequências.

Em 1965 quando esta operação começou, a situação no Vietnã do Sul era de um evidente colapso político e militar. Um golpe militar em 1963 ainda repercutia e havia criado um caos político. Nos dias subsequentes os guerrilheiros *Vietcongs* e os insurgentes comunistas do Laos (chamados *Pathet Lao*) aumentaram seus efetivos e as unidades do exército norte-vietnamita atravessaram o território laociano e se dirigiram para o sul (EMERSON, 2018 p.116).

Depois de ataques a instalações navais norte-vietnamitas em retaliação ao

Incidente do Golfo de Tonquim (agosto de 1964), aos ataques a base de *Bien Hoa* (novembro de 1964), ao hotel em Saigon onde estavam militares americanos (dezembro 1964), a base de apoio de *Pleiku* e ao alojamento de praças em *Quy Nhon* (fevereiro 1965), não conseguindo deter a escalada de violência, Johnson decidiu lançar uma campanha de bombardeio contra o Vietnã do Norte (HELLION, 2018 p. 6).

Figura 1 – Mapa do Sudeste Asiático na época da Guerra do Vietnã.



Fonte: SHERWOOD, 2009 p. 9.

Em sua essência a *Rolling Thunder* refletia a crescente preocupação da Casa Branca e do Pentágono quanto à situação no Vietnã do Sul e em todo o Sudeste Asiático (Figura 1). Ela visava suspender o apoio dos norte-vietnamitas aos *Vietcongs* e ao *Pathet Lao*. Separados da guerra no sul os ataques aéreos da *Rolling Thunder*, ao norte, foram planejados para influenciar diretamente a situação político-militar na região (HELLION, 2018 p. 6).

A operação foi dividida em outras menores e foi conduzida de forma desajeitada e improvisada, pecando em coerência e sofrendo as consequências disso. Um grau excepcional da interferência de civis em assuntos militares caracterizou seu planejamento, supervisão e execução. Criou uma situação de total alienação na Casa

Branca quanto às opiniões militares abrindo um vácuo de consequências desastrosas (HELLION, 2018 p. 6).

Figura 2 – Da esquerda para a direita: Maxwell Taylor (embaixador dos Estados Unidos no Vietnã do Sul), Dean Rusk, presidente Johnson e McNamara.



Fonte: MAROLDA; POLMAR, 2015.

Figuras políticas da administração Johnson com pouca ou nenhuma experiência militar, sem falar em operações aéreas complexas, exerciam controle direto na seleção e aprovação de alvos ignorando não só os Chefes de Estado-Maior, mas os principais comandos envolvidos nas operações como: o Comando de Assessoria Militar no Vietnã, a Esquadra do Pacífico e das Forças Aéreas do Pacífico, além de desconsiderar o aparato de inteligência da CIA e da NSA<sup>2</sup> (HELLION, 2018 p. 6).

De fato as decisões eram tomadas diretamente na ala oeste da Casa Branca. Entre os principais participantes estavam: o próprio presidente Lyndon Jhonson, o Assessor de Segurança Nacional McGeorge Bundy, o Secretário de Estado Dean Rusk e o Secretário de Defesa Robert McNamara (Figura 2). As reuniões eram realizadas todas as terças feiras o que levou aos jornalistas cunharem o termo “Alvos das Terças Feiras” (HELLION, 2018 p. 7).

Desde o início, a liderança militar dos Estados Unidos se mostrou relutante. Os comandantes regionais no teatro de operações expressaram reservas quanto ao escopo e intenções da *Rolling Thunder*. Os aviadores que tinham que

---

<sup>2</sup> Agencia de Segurança Nacional.

realizar diretamente as missões ficavam surpresos diante das exposições ao inimigo a que eram submetidos (HELLION, 2018 p. 7).

Figura 3 – Na concepção do artista Adam Tooby *Skyhawks* do *USS Oriscany*, ataque à ponte de Phuong Dinh em dez de setembro de 1967.



Fonte: HELLION, 2018 p. 66.

Os líderes norte-vietnamitas se surpreenderam com os ataques (Figura 3). Rapidamente, com a ajuda dos chineses e soviéticos, conseguiram se adaptar a situação. Estabeleceram um sistema de defesa aérea e antiaérea capaz de suportar as demandas da operação. No resto do mundo aceleraram-se os protestos dos outros países assim como dentro dos próprios Estados Unidos contra a intervenção no Vietnã. Isto acabaria afetando a decisão de Johnson de tentar se reeleger em 1968 (HELLION, 2018 p. 8).

Em janeiro de 1968, três situações perturbaram ainda mais o governo dos Estados Unidos: no dia vinte e um, a cidade de *Khe San* no Vietnã do Sul foi cercada por tropas norte-vietnamitas; no dia vinte e três, os norte-coreanos abordaram o navio de inteligência da Marinha dos Estados Unidos *USS Pueblo* no Mar do Sul da China e sua tripulação foi internada; e no dia trinta e um começou a ofensiva norte-vietnamita do *Tet* no Vietnã do Sul violando uma trégua acordada (HELLION, 2018 p. 78).

Em resposta, uma série de ataques aéreos foi realizada contra os agressores sustando suas incursões, resultando em uma derrota militar especialmente para os *Vietcongs*, mas acabou revelando-se uma vitória de propaganda para o Vietnã do Norte dada a sua repercussão mundial e também na mídia dos Estados Unidos mostrando



cenar de violências praticadas contra os suspeitos de serem *Vietcongs* (HELLION, 2018 p. 79).

Embora a *Rolling Thunder* continuasse até outubro de 1968, em março o presidente Johnson anunciou restrições ao bombardeio. Informou que os Estados Unidos negociariam um acordo com os norte-vietnamitas e que não se candidataria a um segundo mandato. Em três de abril, ela ficou restrita ao sul do paralelo 20 (vinte); em julho, o general Abrams substituiu Westmoreland no comando no Vietnã do Sul; e foi anunciada a política de VIETNAMIZAÇÃO<sup>3</sup> (HELLION, 2018 p. 79).

Em primeiro de novembro, Johnson anunciou a suspensão do bombardeio ao Vietnã do Norte permitindo apenas voos de reconhecimento e ações de represálias caso essas missões fossem atacadas, revertendo à situação da Guerra do Vietnã às mesmas condições da época da invasão do Laos em 1964. Críticos sugeriram que ele tomou essas medidas como ajuda de última hora à campanha de Hubert Humphrey a presidência, pois faltavam quatro dias para as eleições (HELLION, 2018 p. 79).

Em cinco de novembro de 1968, por uma série de razões, incluindo a condução da guerra no Vietnã, o povo americano elegeu Richard Nixon presidente. Naquele momento McNamara era presidente do Banco Mundial, havia renunciado ao cargo de Secretário de Defesa em novembro de 1967, deixando-o definitivamente em fevereiro de 1968; e Bundy era agora presidente da Fundação Ford (HELLION, 2018 p. 79).

## 2.2 A OPERAÇÃO *LINEBACKER I*

No início de 1972, Estados Unidos e Vietnã do Norte tinham planos totalmente diferentes para aquele ano. Para os americanos era mais um ano eleitoral e o presidente Richard Nixon pretendia concorrer à reeleição e seu Assessor de Segurança Nacional, Henry Kissinger, tinha uma série de iniciativas para conquistar uma paz definitiva na Guerra do Vietnã. Apesar das negociações de paz em Paris estar em um impasse a escalada do conflito parecia ter diminuído (WIEST, 2002 p. 57).

O programa de VIETNAMIZAÇÃO estava indo bem e antes das eleições

---

<sup>3</sup> Processo no qual o Vietnã do Sul, armado e treinado pelos Estados Unidos, cuidaria de sua própria defesa sem a necessidade da presença de tropas americanas.

previa-se que todas as tropas terrestres dos Estados Unidos teriam sido retiradas. Duas iniciativas diplomáticas importantes dos Estados Unidos estavam em curso e influenciariam o processo de paz no Vietnã: Nixon iria ser o primeiro presidente americano a visitar a China em fevereiro de 1972; e em maio, assinaria o tratado para limitação de armas estratégicas com a União Soviética (WIEST, 2002 p. 56).

Os norte-vietnamitas tinham ideias diferentes, mas que também objetivavam o fim da guerra no Vietnã (Figura 4). Eles haviam distribuído suas tropas em três áreas diferentes nas fronteiras do Vietnã do Sul: na Zona Desmilitarizada<sup>4</sup>, fronteira natural entre os dois Vietnãs; no Planalto Central, adjacente a fronteira com o Laos e o Camboja; e na fronteira do Camboja em frente a Capital sul-vietnamita Saigon, visando uma invasão na primavera (WIEST, 2002 p. 57).

Eles consideravam que graças ao movimento antiguerra nos Estados Unidos e a proximidade das eleições não haveria qualquer interferência por parte deles especialmente porque grandes partes das suas tropas já haviam sido retiradas, mas o que os norte-vietnamitas ignoravam é que a CIA já havia informado suas movimentações de tropas e Nixon determinou que as áreas de acúmulo de suprimentos fossem atacadas e autorizou o envio de mais bombardeiros B-52 para a região (WIEST, 2002 p. 57).

É importante observar que diante das reuniões próximas com a China e a União Soviética estas medidas foram bastante comedidas. Os norte-vietnamitas estavam fazendo cálculos errados, eles nunca haviam lutado uma guerra convencional e suas linhas de suprimentos muito estendidas estariam expostas a ataques aéreos. Subestimaram a rapidez com que os Estados Unidos poderiam mobilizar o seu poderio aéreo na região (WIEST, 2002 p. 57).

O resultado é que nos próximos seis meses e meio seriam atacados tanto no Vietnã do Sul como em seu próprio território, sofrendo mais de cem mil baixas, não conseguindo o progresso militar que desejavam. Esta campanha seria a *Linebacker* que traria uma incrível evolução tecnológica e revolucionária no emprego do poderio aéreo, particularmente em uma guerra assimétrica (WIEST, 2002 p. 57).

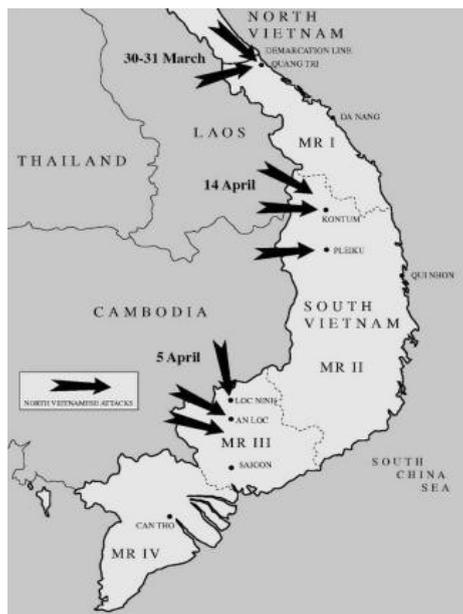
Enquanto a guerra terrestre grassava no Vietnã do Sul, poucos dias após a invasão, o tempo melhorou no Vietnã do Norte e as suas linhas de suprimentos

---

<sup>4</sup> Zona de fronteira entre os dois Vietnãs como a que ainda existe entre as duas Coreias.

estavam bem visíveis ao poder aéreo americano. As aeronaves então atacaram qualquer alvo que encontrassem ao sul do paralelo 20 (vinte). Os americanos, que raramente viam um veículo inimigo, encontraram uma grande quantidade de caminhões a céu aberto em pleno dia (WIEST, 2002 p. 57).

Figura 4 – Mapa do mostrando as frentes de invasão no Vietnã do Sul em 1972.



Fonte: SHERWOOD, 2009 p. 108

Esta era a oportunidade de Nixon mostrar aos norte-vietnamitas que essa guerra aérea seria realmente diferente e até os B-52 foram usados, pela primeira vez, no Vietnã do Norte. No dia nove de abril, doze B-52D (Figura 9) apoiados por quinze aeronaves da Marinha e quarenta e duas da Força Aérea fizeram sua maior investida no norte atacando a área de armazenamento de petróleo e pátios ferroviários em *Vinh* usando o sistema de radar *Combat Skyspot* para o bombardeio (MICHEL III, 2019 p. 80).

O ataque foi notável porque marcou uma nova etapa nas contramedidas americanas contra os mísseis SA-2 que eram considerados a principal ameaça aos seus ataques aéreos. Vinte e quatro F-4<sup>5</sup> lideraram os B-52 e lançaram *Chaff*<sup>6</sup> (Figura 5) de

<sup>5</sup>Caça F-4 *Phantom II*, o mais moderno da Força Aérea dos Estados Unidos na época.

<sup>6</sup>Folhas de alumínio ou estanho usadas para saturar o rastreamento dos radares norte-vietnamitas.

trinta e quatro mil a trinta e seis mil pés formando um corredor de doze a dezesseis quilômetros de largura e sessenta a setenta de comprimento para os bombardeiros passarem, porém o *Chaff* se espalhou por causa dos ventos (MICHEL III, 2019 p. 80).

Figura 5 – Numa concepção do artista Jim Laurier, caças F-4D lançando um corredor de *Chaff*.



Fonte: MICHEL III, 2018 p. 46.

Embora o ataque tenha enviado uma mensagem aos norte-vietnamitas, do ponto de vista dos americanos não foi satisfatório, os danos foram muito limitados e as fotografias do alvo pós-ataque mostraram que o bombardeio foi grosseiramente impreciso. Suas implicações foram significativas e perturbadoras, dadas à carga de bombas e a imprecisão ter causado muitas baixas civis, coisa que os Estados Unidos não podiam suportar numa guerra tão controversa (MICHEL III, 2019 p. 82).

Estas primeiras missões em quatro anos foram emocionantes para as tripulações americanas (Figura 6), contudo, a despeito do sucesso, nem tudo estava bem, muitas bombas dos F-4 que apoiaram o ataque erraram os alvos e o comandante da Sétima Força Aérea general John W. Vogt, como outros comandantes da Força Aérea dos Estados Unidos, começou a cobrar o uso de armas guiadas (Figura 7) em detrimento das chamadas “bombas burras” (MICHEL III, 2019 p. 83).

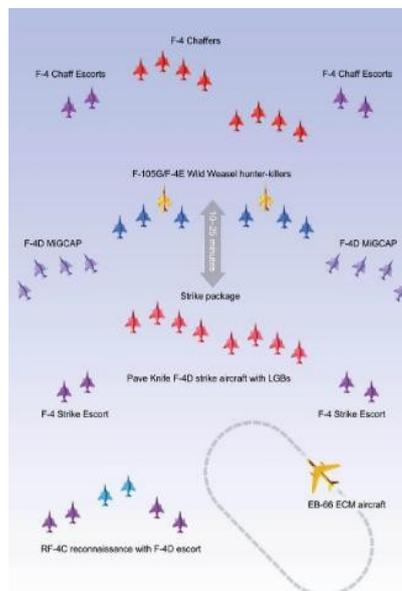
Abril se destacou pelas tensões que provocou entre Nixon, Laird<sup>7</sup> e o general Abrams. O presidente queria usar os B-52 em ataques ao Vietnã do Norte,

---

<sup>7</sup>Melvin Laird Secretário de Defesa 1969-1973.

mas Abrams e Laird insistiam que eles deveriam ser usados para atacar os invasores no Sul argumentando que a guerra poderia ser perdida ali antes que eles percebessem que estavam ficando sem suprimentos. O argumento de Abrams e Laird prevaleceu e os B-52 não realizaram mais ataques ao norte antes de dezembro (MICHEL III, 2019 p. 85).

Figura 6 – Composição de formações de ataque da Força Aérea dos Estados Unidos típica da *Linebacker*.



Fonte: MICHEL III, 2019 p. 151.

Henry Kissinger visitou Moscou em abril para preparar o encontro de maio. A pedido dos soviéticos, no retorno, ele passou por Paris para uma reunião secreta com o principal negociador norte-vietnamita Le Duc Tho em dois de maio, porém, os norte-vietnamitas haviam acabado de conquistar *Quang Tri* no Vietnã do Sul e não estavam dispostos a ouvir nenhuma proposta de paz (MICHEL III, 2019 p. 86).

Após retornar de Paris, Kissinger encontrou o presidente e discutiram a melhor maneira de trazer de volta as negociações com os norte-vietnamitas. Ambos estavam convencidos que apenas um duro golpe iria demovê-los de tentar uma vitória total no Vietnã do Sul. Concordaram que todos os portos norte-vietnamitas deveriam ser interditados junto com uma campanha aérea para fechar todas as suas rotas de suprimentos para o sul (MICHEL III, 2019 p. 87).

Assim, o Representante dos Chefes de Estado-Maior almirante Moore foi instruído a colocar em ação o plano da Operação *Rolling Thunder Alpha* que foi rapidamente renomeada *Linebacker*. O almirante Moore alertou das implicações e solicitou a Nixon que a minagem do porto de Haiphong fosse realizada em nove de maio e o presidente entendeu e concordou (MICHEL III, 2019 p. 87).

Figura 7 – Numa concepção do artista Adam Tooby, F-4D lançando bombas guiadas a laser, na asa à direita o designador *Pave Knife*.



Fonte: MICHEL III, 2019 p. 165.

Para um maior efeito dramático ficou decidido que o presidente anunciaria o início da operação em um discurso televisionado em oito de maio às vinte e uma horas, horário da costa leste dos Estados Unidos, enquanto no mesmo momento as minas eram lançadas no porto norte-vietnamita. Isso tornou o momento exato de realizar a operação extremamente crítico (MICHEL III, 2019 p. 87).

No amanhecer de nove de maio, horário do Vietnã, a Força-Tarefa 77 estava em posição para cumprir a missão. O porta-aviões *USS Coral Sea*, responsável pela minagem, estava a duzentos quilômetros a sul-sudeste de Haiphong junto com o *USS Kitty Hawk* cujas aeronaves dariam apoio. Dois cruzadores de mísseis guiados *USS Chicago* e *USS Long Beach* e quatro contratorpedeiros estavam estacionados entre os porta-aviões e o porto (SHERWOOD, 2009 p. 45).

O plano era lançar trinta e seis minas acústicas e magnéticas nos dois principais acessos do porto exatamente às nove horas da manhã de nove de maio, horário do Vietnã, no mesmo momento em que o presidente Nixon fazia o seu pronunciamento. O comandante Roger Sheets, do grupo aéreo embarcado do *Coral Sea*,

lideraria o ataque de três A-6 e seis A-7 acompanhados por um EKA-3B para contramedidas eletrônicas (SHERWOOD, 2009 p. 45)

Figura 8 – Concepção do artista Adam Tooby dos A-6A sobrevoando o canal interno de Haiphong pouco antes de lançar suas minas.



Fonte: MICHEL III, 2019 p. 102.

Na noite anterior, Sheets foi informado dos detalhes da missão pelo comandante da Força-Tarefa 77. Durante a reunião ficou decidido que o cruzador *USS Chicago* deveria se aproximar da costa norte-vietnamita para proteger a operação com seus mísseis superfície-ar *Talos* e a Sheets disseram que ele dispararia contra qualquer coisa que estivesse voando acima de quinhentos pés, altitude máxima da força de ataque (MICHEL III, 2019 p. 89).

Uma limitação da força de ataque era o tamanho e o peso das minas, elas retardavam a velocidade dos A-6 e impedia que carregassem o tanque externo de combustível, isto significava que eles ficariam vulneráveis aos disparos da artilharia antiaérea. O *Coral Sea* teria que se aproximar da costa norte-vietnamita para garantir que as aeronaves teriam combustível suficiente para retornar (SHERWOOD, 2009 p. 45).

Para distrair as defesas norte-vietnamitas o porta-aviões *USS Kitty Hawk* lançaria um ataque diversionista contra a ferrovia em *Nam Dinh* no mesmo momento da minagem e também um grupo de contratorpedeiros faria disparos contra as posições de



artilharia antiaérea na península de *Do Son* a doze quilômetros a oeste do canal de entrada de Haiphong, por trinta minutos antes do ataque (SHERWOOD, 2009 p. 45).

Às oito e dez da manhã, hora local, de nove de maio de 1972 o *Coral Sea* lançou os três A-6A e os seis A-7E destinados ao ataque. Eles circularam sobre os navios até às oito e quarenta e depois se dirigiram para Haiphong com os três A-6A na liderança. Às oito e quarenta e cinco o ataque diversionista do *Kitty Hawk* encontrou mau tempo e desviou-se para alvos alternativos enquanto os contratorpedeiros disparavam contra a península de *Do Son* (MICHEL III, 2019 p. 91).

No ataque, os três A-6A lançariam quatro minas cada um no canal mais a oeste, os seis A-7E lançariam quatro minas cada um no canal externo (Figura 8). Quando a força se aproximou do alvo os grupos se dividiram. Os A-6A entraram no canal interno que tinha apenas mil pés de largura em formação cerrada enquanto os A-7E viravam a direita depois voltavam à esquerda e a esquerda novamente para lançar suas minas perpendicularmente no canal externo (MICHEL III, 2019 p. 91).

Às nove e um depois que os A-6A lançaram as suas minas, os A-7E lançaram as suas em seguida. Um A-7E falhou o lançamento na primeira passada, o piloto então retornou e lançou suas minas numa segunda. De todas as minas lançadas três apresentaram falhas e não armaram. Surpreendentemente houve muito pouca reação defensiva dos norte-vietnamitas (MICHEL III, 2019 p. 92).

Assim que todas as minas foram lançadas o *Coral Sea* foi informado, mas não respondeu. No entanto quando os atacantes retornaram descobriram que haviam ouvido sua mensagem, mas se apressaram em informar a Casa Branca para que o presidente, que estava fazendo seu pronunciamento, soubesse que as minas estavam na água. Ele falava devagar aguardando o sinal afirmativo e ao recebê-lo informou imediatamente ao mundo (MICHEL III, 2019 p. 93).

Naquele momento histórico, Nixon estava na verdade anunciando uma grande mudança na condução da guerra, afirmou perante o mundo que os Estados Unidos aceitariam um cessar fogo e retirariam o restante de suas forças do Vietnã do Sul se os norte-vietnamitas fizessem o mesmo. Era uma oportunidade que os norte-vietnamitas deveriam considerar, pois a minagem estrangulou seu abastecimento marítimo (MICHEL III, 2019 p. 98).



Durante anos, os Estados Unidos fizeram várias exigências para uma retirada completa das tropas norte-vietnamitas no Vietnã do Sul, mas Nixon acabou reduzindo seus objetivos para um acordo de paz a apenas dois: todos os prisioneiros de guerra deveriam ser devolvidos; e um cessar fogo supervisionado internacionalmente deveria ser estabelecido nos dois Vietnãs. Uma vez estes termos cumpridos, os Estados Unidos sairiam do Vietnã do Sul definitivamente (WIEST, 2002 p. 57).

Nixon tentava ressuscitar as negociações de paz em Paris, mas nos quatro meses seguintes os norte-vietnamitas ignoraram essa mudança na posição de negociação dos Estados Unidos. Três dias depois, as minas foram ativadas e os portos norte-vietnamitas<sup>8</sup> foram efetivamente fechados pelo resto da guerra e isto mostrou como a *Linebacker* seria: um caminho difícil para cortar as rotas de suprimentos das tropas inimigas.

### 2.3 A OPERAÇÃO *LINEBACKER II*

Em vinte e três de outubro de 1972, o presidente Nixon relutantemente ordenou a suspensão do bombardeio ao Vietnã do Norte acima do paralelo 20 (vinte), mas ao mesmo tempo os ataques de bombardeiros B-52 ao sul do país inimigo aumentaram consideravelmente. Destinava-se a manter a pressão sobre os norte-vietnamitas, mas também demonstrar ao governo do Vietnã do Sul que os Estados Unidos manteriam seu apoio (MICHEL III, 2018 p. 33).

O presidente Thieu do Vietnã do Sul se mostrou relutante em relação à atitude dos americanos e acabou por forçar Kissinger a pedir um adiamento nas negociações com os norte-vietnamitas. Isto acabou por provocar uma reação negativa destes que acusaram os americanos de má fé e de procrastinar as negociações. Nixon pressionou Kissinger afirmando que agora parecia que os sul-vietnamitas é que estavam prejudicando o acordo (MICHEL III, 2018 p. 33).

Com as negociações à beira do colapso e com os dois Vietnãs acusando os americanos de dualismo, Nixon pediu a Kissinger que, pela primeira vez, falasse publicamente sobre o acordo com os norte-vietnamitas. Em uma entrevista coletiva em

---

<sup>8</sup> O acesso a outros portos menores também foram minados em seguida interrompendo completamente o tráfego marítimo para o Vietnã do Norte.

vinte e seis de outubro, Kissinger não apenas explicou a posição dos Estados Unidos, mas também afirmou que, embora o acordo necessitasse de esclarecimentos, estava disponível aos norte-vietnamitas (MICHEL III, 2018 p. 33).

Figura 9 – Boeing B-52D Stratofortress.



Fonte: DAVIES, 2018 p. 12.

Na verdade, o acordo já estava encerrado e sem nenhuma conclusão. Nixon não quis arriscar uma discussão com os sul-vietnamitas antes das eleições e passou o prazo final de trinta e um de outubro sem assinar nada. Determinou, ainda, um aumento dos ataques de B-52 ao norte da Zona Desmilitarizada e mandou Kissinger voltar a Paris e continuar pressionando os norte-vietnamitas (MICHEL III, 2018 p. 33).

A recusa em assinar o acordo e o aumento dos ataques fez com que os norte-vietnamitas se sentissem traídos e para seu desgosto os *Vietcongs* que eles tanto ajudaram e se sacrificaram, aproveitando-se da situação saíram dos esconderijos no Vietnã do Sul e reivindicaram, em antecipação ao cessar-fogo, o território sul-vietnamita, mas como o acordo não foi assinado acabaram sendo dizimados (MICHEL III, 2018 p. 33).



Nas eleições de novembro, Nixon teve uma grande vitória, porém em relação aos membros do Congresso ficou em grande desvantagem. Os senadores antiguerra passaram a ser maioria e era certo que quando assumissem em janeiro, parariam o financiamento da guerra e Nixon tinha consciência de que se as conversações de paz não fossem concluídas não teria mais como sustentar o apoio aos sul-vietnamitas (MICHEL III, 2018 p. 33).

No final de novembro, Kissinger começou a desconfiar que os norte-vietnamitas agiam com segundas intenções, iriam esperar simplesmente que os Estados Unidos saíssem do conflito. O tempo estava acabando para Nixon e seus assessores e de alguma forma o acordo tinha que ser concluído e o governo do Vietnã do Sul exortava sua assinatura imediata (MICHEL III, 2018 p. 34).

Nixon resolveu abordar a situação por duas vias enquanto as negociações não haviam sido completamente encerradas. Primeiro, declarou que os norte-vietnamitas insistiam num acordo que era desvantajoso para os Estados Unidos em relação ao que fora tratado em doze de outubro e em seguida anunciou que voltaria a autorizar, caso o acordo não fosse revisto, o bombardeio ao norte do paralelo 20 (vinte) (MICHEL III, 2018 p. 34).

Em vinte e cinco de novembro, Kissinger e Le Duc Tho completaram uma nova minuta do acordo, que diferia em alguns aspectos da de doze de outubro. Nesse momento, Kissinger pediu uma semana de recesso para submeter à minuta ao governo sul-vietnamita e tentar persuadi-los a aceitá-la. Ela foi apresentada ao governo de Hanói e se estabeleceu uma expectativa de que ele a aceitaria (MICHEL III, 2018 p. 34).

Essa esperança não deu em nada, já que os sul-vietnamitas foram intransigentes em relação ao acordo. Em vinte e nove de novembro, o assessor especial do governo sul-vietnamita em Washington, Ngyen Phu Duc, encontrou-se com o presidente Nixon e informou que seu governo não concordaria com a minuta, a menos que o Vietnã do Norte concordasse em retirar todas as suas tropas do sul (MICHEL III, 2018 p. 35).

Desde oito de maio que os americanos pararam de insistir em retirada total dos norte-vietnamitas no sul e Nixon não estava disposto a voltar a trás, compreendendo que seu país e os sul-vietnamitas tinham objetivos diferentes. Frustrado com a intransigência dos dois Vietnãs, em trinta de novembro ele se reuniu com o Secretário

de Estado William Rodgers, Laird e o almirante Moore e disse-lhes que queria um planejamento de ataques com B-52 ao Vietnã do Norte (MICHEL III, 2018 p. 35).

Figura 10 – Em uma concepção do artista Jim Laurier, mísseis SA-2 sendo disparados contra os B-52 na *Linebacker II*.



Fonte: MICHEL III, 2018 p. 38.

O grupo não concordou: Rodgers e Laird por razões de política interna, Moore e Laird por razões militares. Eles achavam que o aumento das atividades militares não ajudaria e o Chefe do Estado-Maior da Força Aérea já havia comunicado que tal ação resultaria em muitas perdas e que os soviéticos teriam oportunidade de avaliar as vulnerabilidades das aeronaves (MICHEL III, 2018 p. 35).

O presidente disse que compreendia, mas não se convenceu e determinou ao almirante Moore que alertasse o Comandante-em-Chefe do Comando Aéreo Estratégico, general John C. Meyer, e depois alertasse os comandantes no Pacífico e no teatro de operações que ficassem preparados para o cancelamento das negociações de paz (MICHEL III, 2018 p. 35).

Em quatro de dezembro, Kissinger retornou a Paris numa tentativa fútil de retomar as negociações. No primeiro dia de reuniões, os norte-vietnamitas disseram que estariam retirando as concessões do acordo anterior e acrescentando novas. Kissinger ligou para o presidente e disse que as perspectivas de um acordo aceitável não eram possíveis. O presidente então informou que os Estados Unidos usariam as ações ao invés das palavras (MICHEL III, 2018 p. 35).



No dia seis de dezembro, Le Duc Tho informou a Kissinger que seu governo preferia continuar a guerra a ter que fazer qualquer concessão. Estava claro que os dois lados estavam em um impasse e Kissinger informou ao presidente que se quisesse os prisioneiros de guerra de volta, os Estados Unidos teriam que bombardear maciçamente o Vietnã do Norte. No dia treze as negociações se desfizeram e tanto Kissinger quanto Le Duc Tho deixaram Paris (MICHEL III, 2018 p. 35).

Os dois lados culpavam um ao outro mutuamente pelo impasse e, embora as negociações devessem ser retomadas em janeiro, Nixon precisava agir. Ele decidiu que iria bombardear o Vietnã do Norte, mas precisava resolver tudo antes de janeiro, pois tinha certeza que o novo congresso não permitiria a continuidade do financiamento da guerra. Ele demonstraria, de forma muito prática, a máxima de Carl von Clausewitz de que “A guerra é a continuação da política por outros meios” (MICHEL III, 2018 p. 35).

Assim que foi informado dos ataques ao Vietnã do Norte, o general Meyer decidiu que todo o planejamento das missões seria realizado a partir do quartel-general do Comando Aéreo Estratégico em Omaha. Ele informou seu estado-maior antes da meia noite de quatorze de dezembro e, na tarde do dia seguinte, o comandante da Oitava Força Aérea em Guam, general Gerald W. Johnson (MICHEL III, 2018 p. 38).

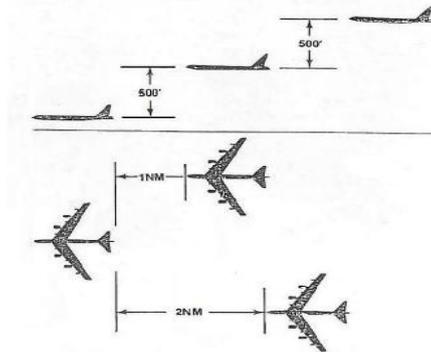
Johnson ficou ciente que a parte mais crítica das missões seria planejada em Omaha em vez de no seu estado-maior em Andersen. Para sua preocupação, seu estado-maior devia apenas coordenar as ações com as aeronaves de apoio. Ele estava no Comando Aéreo Estratégico há muitos anos e sabia dos procedimentos de centralização de planejamento, mas ele e seu estado-maior ficaram surpresos com a decisão dada as características do conflito em que estavam envolvidos (MICHEL III, 2018 p. 38).

O planejamento da missão exigiria um longo ciclo complexo e contínuo de eventos e havia inúmeras razões pelas quais não devia ser realizado tão distante do teatro de operações. Omaha estava a meio mundo de distância e as missões teriam que ser planejadas com quarenta e oito horas de antecedência, esta diferença temporal aumentaria consideravelmente os problemas de coordenação e não haveria retorno das tripulações sobre quais mudanças deveriam ser feitas (MICHEL III, 2018 p. 38).

É preciso compreender que em 1972 não existia a tecnologia de informática e comunicações que temos hoje, havia apenas linhas telefônicas para conversas confidenciais e o material escrito tinha que ser enviado por teletipo. O comando da

Oitava Força Aérea sabia que as defesas em torno de Hanói eram de uma magnitude que os B-52 nunca haviam enfrentado antes e relatórios de inteligência informavam que os norte-vietnamitas tinham melhorado suas defesas (MICHEL III, 2018 p. 38).

Figura 11 – Diagrama da célula de B-52.



Fonte: DEAN; JOINER, 2017 p. 12.

Havia desânimo diante do fato de o Comando Aéreo Estratégico planejar as missões. A Oitava Força Aérea estava com a maior parte da força de B-52 e os resultados das missões seriam rápidos e mudanças de tática poderiam ser realizadas de forma mais efetiva. Eles inclusive já tinham planos prontos para ataques ao Vietnã do Norte e os haviam enviado em setembro, mas o Comando Aéreo Estratégico os ignorou (MICHEL III, 2018 p. 39).

O Comando Aéreo Estratégico desconsiderou os problemas em potencial. Ele ordenou as missões mais importantes da guerra planejando as mais críticas. Não era praxe deste comando deixar unidades subordinadas planejar as missões. Flexibilidade e informações das tripulações nunca foram consideradas e não seriam agora. É preciso lembrar que o Comando Aéreo Estratégico era doutrinado para uma guerra nuclear global, ações regionais não eram consideradas (ALLISON; MCCARTHY, 2018 p. 11).

Enquanto no Comando Aéreo Estratégico se sabia que mais cedo ou mais tarde os B-52 seriam enviados ao Vietnã do Norte, a Diretoria de Operações simplesmente não havia desenvolvido um plano para penetrar as suas defesas. Este teve que ser rapidamente elaborado por causa do curto tempo de planejamento. Os B-52, portanto, voariam nas mesmas altitudes e velocidades realizando manobras e técnicas de contramedidas que vinham usando desde 1967 (ALLISON; MCCARTHY, 2018 p. 32).



Os norte-vietnamitas estavam muito acostumados com as rotas de voo estereotipadas e as manobras e técnicas de contramedidas dos B-52 e esta inflexibilidade assombraria a parte inicial da operação. A Diretoria de Operações considerou que colisões no ar seriam mais perigosas do que as defesas inimigas e decidiu que deveria enviar as aeronaves em células de três (Figura 11), uma atrás da outra, todas voando basicamente na mesma rota para o mesmo destino (MICHEL III, 2018 p. 39).

As células voariam através do Laos em direção à fronteira chinesa, em seguida para sudeste em direção a Hanói. Isto seria favorecido por ventos de cauda de cento e sessenta quilômetros por hora no sentido noroeste-sudeste e faria com que os B-52 passassem rapidamente sobre o alvo. O plano previa o envio de toda a força de B-52 na primeira noite seguida de ataques, na segunda e terceira (MICHEL III, 2018 p. 39).

Cada ataque seria formado por três levadas, uma chegando depois do anoitecer, outra a meia noite e a última às quatro horas. Isto deveria manter a população de Hanói acordada. Mas, foi tomada outra decisão fatídica: por causa do tempo de planejamento e da transmissão do plano para Guam, e para simplificar o processo, as três primeiras missões seriam idênticas, mesmos alvos, mesma rotas e aproximadamente o mesmo número de aeronaves (ALLISON; MCCARTHY, 2018 p. 32).

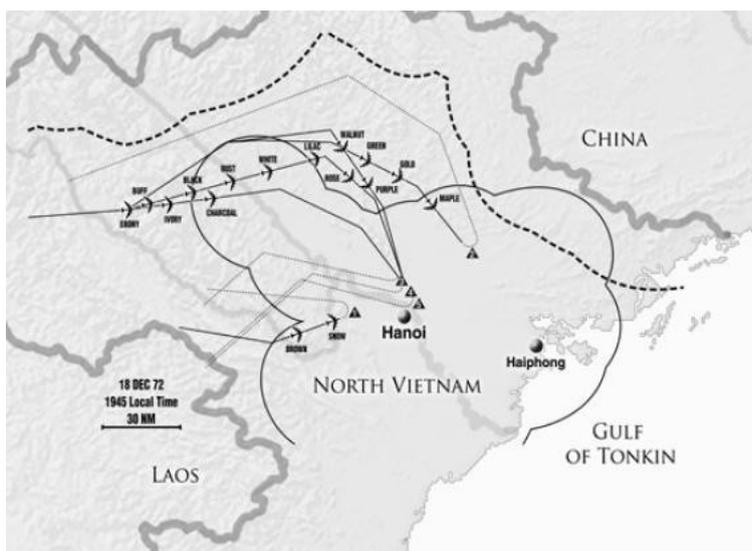
Logo que recebeu as primeiras informações sobre o planejamento, o comando da Oitava Força Aérea percebeu as falhas. As células isoladas seriam facilmente rastreadas pelo inimigo e poderiam atacá-las uma de cada vez. O vento favorável realmente daria rapidez, mas também faria com que os navegadores de radar tivessem menos tempo para alinhar o alvo (MICHEL III, 2018 p. 41).

Mais o maior problema era que após a liberação das bombas, o plano pedia que os B-52 fizessem uma inclinação acentuada fazendo uma volta para a direção do vento o que faria com que os bombardeiros diminuíssem a velocidade sobre as defesas inimigas mais pesadas. Esta manobra de giro pós-alvo nunca havia sido testada contra radares dos mísseis SA-2 capturados, um descuido que teria consequências graves (MICHEL III, 2018 p. 41).

A decisão de atacar em três levadas com quatro horas entre elas minimizaria o risco de colisões, mas permitiria aos norte-vietnamitas disparar seus mísseis contra a primeira leva e reabastecer seus lançadores antes da segunda chegar e em seguida fazer

o mesmo contra a terceira. Dividir a força também diluía as aeronaves de apoio principalmente os lançadores de *Chaff*, a melhor cobertura contra os SA-2 (MICHEL III, 2018 p. 41).

Figura 12 – O ataque da noite de dezoito de dezembro de 1972.



Fonte: ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 41.

Os F-4 lançadores de *Chaff* entre abril e outubro de 1972 tinham perdido apenas uma aeronave para os SA-2, mas havia apenas vinte e quatro aeronaves disponíveis para estas missões. Dividi-las para cobrir três levadas significava que cada uma teria apenas oito aeronaves formando corredor de *Chaff* e seriam tão finos que se tornariam ineficazes (MICHEL III, 2018 p. 42).

As escoltas e os *Wild Weasel*<sup>9</sup> também teriam que ser divididos em três grupos, significando no geral que o pacote de apoio para cada leva seria menor do que quando os B-52 operaram nas áreas menos defendidas anteriormente. A Oitava Força Aérea também estava muito preocupada em obter o material de instrução a tempo de passá-los para as tripulações, coordenar ataque com a escolta e estabelecer procedimentos de comunicações (ALLISON; MCCARTHY, 2018 p. 37).

Com o momento da primeira missão se aproximando, os sinais não eram bons. Informações chegavam muito lentamente e, logo em seguida vinham as novas

<sup>9</sup> Fuinha, em tradução livre, predador de serpentes, eram aeronaves especializadas em ataques a sítios de mísseis superfície-ar com mísseis antirradares.



solicitando modificações. Além de disso, havia erros, e as instruções tinham que ser reenviadas a Omaha para correções enquanto esperavam recomeçar. Elas estavam congestionadas, com mais tempo para as respostas. O planejamento estava indo cada vez mais para trás (ALLISON; MCCARTHY, 2018 p. 37).

Os alvos também eram uma preocupação. Foi enviada uma lista aprovada pelos Chefes de Estado-Maior que deveriam ser atingidos na primeira noite. Infelizmente os alvos selecionados mostravam uma falta de compreensão das capacidades dos B-52 e das defesas do Vietnã do Norte. Os B-52 eram adequados para atingir alvos de área e não objetivos pontuais como estava sendo solicitado (MICHEL III, 2018 p. 42).

Às quatorze horas do dia dezesseis de dezembro, todos os comandantes superiores foram reunidos em Andersen para uma instrução geral, deveriam verificar se suas tripulações estavam disponíveis mas não informar detalhes. Após a reunião, foi publicado um anúncio de que todos os comandantes de aeronaves deveriam se reunir no dia seguinte para instruções no Centro Arc Light, onde eram normalmente instruídos para missões de combate (ALLISON; MCCARTHY, 2018 p. 48).

Na reunião, os comandantes de aeronaves receberam uma visão geral da missão na noite seguinte, mais uma vez foi enfatizada a disponibilidade das tripulações, mas advertindo que não deveriam dar-lhes detalhes. Muitos, na verdade, não se omitiram de informar para onde estavam indo para não alimentar mais as esperanças de estar indo para casa no natal (ALLISON; MCCARTHY, 2018 p. 48).

Naquela tarde foram publicados os horários dos voos, no dia seguinte todos em Andersen ficaram cientes do que estava para acontecer. Pela manhã foi realizado o *briefing* das tripulações da primeira leva, às quatorze horas da segunda e às dezoito da terceira. Diante de seus olhos, as cortinas foram corridas e os mapas mostravam seus alvos (Figura 12) e todos ficaram cientes que entrariam para história, naquela noite estariam a caminho do Vietnã do Norte (ALLISON; MCCARTHY, 2018 p. 48).

As decolagens em Andersen ocorreram às quatorze e cinquenta e cinco hora local e o primeiro B-52D de *U-Tapao* decolou às dezessete e dezoito. As aeronaves de Andersen já estavam no ar há cinco horas e meia e ainda assim as de *U-Tapao* chegariam primeiro ao alvo. Foi uma surpresa estratégica para o inimigo, mas não



tática. Quando perceberam a diminuição das atividades aéreas dos americanos no dia anterior sabiam que algo estava para acontecer (ALLISON; MCCARTHY, 2018 p. 48).

Por volta das dez horas, dois drones de reconhecimento sobrevoaram a capital e um relatório às dezesseis e trinta informava a decolagem maciça em Andersen, confirmada pelas atividades nas bases tailandesas, principalmente em *U-Tapao*. Mesmo assim, os norte-vietnamitas foram de certa forma, surpreendidos. Tiveram muita dificuldade em reunir o pessoal da defesa aérea que estava de licença em aldeias remotas (MICHEL III, 2018 p. 45).

Trinta e seis estações de radar de longo alcance dos norte-vietnamitas em uma extensa rede de alerta antecipado começou a sofrer contramedidas eletrônicas enquanto tentavam rastrear as aeronaves que se aproximavam. Dada as suas experiências anteriores, eles conseguiam identificar os B-52 no meio da interferência, mas ficaram impressionados com a quantidade de bombardeiros (MICHEL III, 2018 p. 45).

Nesta noite, os bombardeiros ultrapassaram o ponto onde normalmente viravam para atacar o Laos e continuaram se dirigindo para o norte. Das aeronaves de apoio as primeiras a atacar foram os F-111A que atacaram as bases dos MIG e as outras chegaram logo em seguida. Oito F-4 lançaram um corredor de *Chaff*, mas ventos mais forte que o previsto empurrou o corredor para fora do curso dos B-52 que chegavam (MICHEL III, 2018 p. 49).

Quando os B-52 viraram vindos de noroeste, os primeiros mísseis foram disparados. Os mísseis subiam, quando erravam seus alvos e não ativavam seus detonadores de proximidade só explodiam quando foguete ficava sem combustível. As primeiras sete células, todas de *U-Tapao*, lançaram suas bombas e saíram ilesas e logo atrás vieram às aeronaves para atacar um enorme armazém em *Kinh No* ao norte de Hanói (MICHEL III, 2018 p. 54).

Quatro horas depois da passagem da primeira leva a segunda chegou. O pacote de apoio era praticamente o mesmo da primeira e, mais uma vez, o corredor de *Chaff* foi empurrado pelo vento. Uma célula com uma mistura de B-52G modificados e não modificados, foi à primeira sobre o pátio ferroviário de *Yen Vien* (MICHEL III, 2018 p. 55).



Nesta segunda leva houve um verdadeiro colapso da disciplina. O aeroporto internacional de *Gia Lam* não era considerado um alvo porque operava aeronaves civis, mas o terminal do aeroporto acabou sendo atingido. Pouco antes das quatro horas a terceira leva chegou. Esta leva teve o apoio de quarenta aeronaves e mais uma vez o corredor de *Chaff* foi arrastado pelo vento (MICHEL III, 2018 p. 55).

Um B-52 desta leva foi atingido por um míssil e caiu nos subúrbios de Hanói. Quando amanheceu, os cidadãos se reuniram entorno dos destroços de dois B-52 que caíram perto dos sítios de mísseis que os abateram e um tripulante americano capturado, major Fernando Alexander, foi “apresentado” aos jornalistas internacionais (MICHEL III, 2018 p. 56).

O motivo de preocupação para os americanos era que duas das três aeronaves perdidas eram modelo G, dois terços das perdas na primeira noite, apesar de ser apenas um quarto da força total. Embora o Comando Aéreo Estratégico tenha dito a Oitava Força Aérea que os modelos G não modificados eram tão eficazes quanto os outros, o comando desta grande unidade já havia expressado dúvidas e estavam atentos aos G não modificados (MICHEL III, 2018 p. 58).

Houve também problemas em distribuir as escoltas para as três levadas. O problema mais sério foi, sem dúvida, os corredores de *Chaff* empurrados pelo vento. Os planos também chegaram tarde aos esquadrões de *Wild Weasel*. Quando chegaram, não constavam as rotas de entrada e saída das áreas alvo o que facilitou a ação dos SA-2 (MICHEL III, 2018 p. 59).

Nos Estados Unidos, Nixon esperava protestos, mas por qualquer motivo: o inverno, as comemorações do natal, a satisfação que alguma coisa estava sendo feita ou simplesmente cansaço da guerra, não aconteceram. Enquanto o ataque estava ocorrendo o estado-maior da Oitava Força Aérea havia recebido os planos para a terceira noite e, surpreendentemente seriam praticamente os mesmos dos dois primeiros dias, mesmos horários, rotas, altitudes e alvos (MICHEL III, 2018 p. 59).

Na segunda noite, os B-52 foram designados para Hanói. O primeiro ataque sairia de Andersen, o alvo era o complexo de *Kinh No* que havia sido bombardeado pelas três levadas na noite anterior. Não houve mudanças nos padrões das missões, pelo menos nada que os norte-vietnamitas percebessem. As tripulações partiram para a missão com uma perspectiva sombria (ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 64).



No fim do briefing em Andersen, o coronel James R. McArthy surpreendeu as tripulações anunciando que quem manobrasse para fugir dos mísseis antes do lançamento das bombas seria submetido à corte marcial. Porém a leva seguinte recebeu autorização para manobrar antes dos alvos, um fato notável de uma mudança de tática tão rápida com o prevalecimento do bom senso (ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 66).

Em *U-Tapao*, as missões curtas significavam que as tripulações podiam voar todos os dias, na segunda missão da noite muitas tripulações do dia anterior estavam de novo voando e ficaram assustadas ao ver que toda a força estava chegando nas mesmas rotas, altitudes e no mesmo alvo virando exatamente onde na noite anterior haviam sido submetidos a intenso ataque de mísseis (ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 66).

Até mesmo a natureza repetiu sua performance da noite anterior com os ventos mais uma vez empurrando o corredor de *Chaff*, mas para tristeza do inimigo, eles não repetiram o desempenho da noite anterior e no ataque da primeira leva todos os mísseis disparados falharam, nem um único B-52 foi atingido (ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 66).

A segunda leva chegou quatro horas depois com o menor número de aeronaves de apoio até então, e bombardearam o prédio da rádio de Hanói no coração dos sítios de SA-2 e, mais uma vez, os mísseis não funcionaram bem e apenas uma aeronave foi levemente danificada. Seis de *U-Tapao* que chegaram em seguida tiveram uma aeronave atingida que se dirigiu para um pouso de emergência na Tailândia, mas caiu no momento em que ia aterrissar (MICHEL III, 2018 p. 59).

Quatro horas após a segunda leva, a terceira chegou. Desta vez o pacote de apoio foi melhor e os B-52 revisitaram o complexo de *Yen Vien*. A resposta do inimigo foi fraca, os B-52 encontraram pouca reação não sofreram danos retornando tranquilamente as suas bases. Foi uma noite difícil, a repetição das rotas e dos alvos, na visão dos tripulantes, era um desastre anunciado (MICHEL III, 2018 p. 59).

Enquanto os norte-vietnamitas ajustavam suas defesas à luz das experiências das noites anteriores, os americanos não faziam o mesmo. O Comando Aéreo Estratégico estava satisfeito com apenas uma perda de B-52 naquela noite, considerando que seu planejamento, táticas e conceitos estavam sendo validados. Mas na verdade a situação era bem outra como ficaria demonstrado na terceira noite.

Em Andersen, cuja Ala de B-52G havia perdido duas aeronaves na primeira noite, havia considerável apreensão com as contramedidas eletrônicas e com a pouca carga de bombas. E para aumentar a frustração ainda havia o problema de muitos bombardeiros terem tido falhas nos dispositivos para a liberação das bombas (MICHEL III, 2018 p. 63).

Figura 13 – Em uma concepção do artista Jim Laurier na noite de vinte de dezembro de 1972 a célula *Tan* se aproxima do alvo totalmente sem integridade, mais próximo o líder *Tan 1* e bem atrás o *Tan 3* é atingido por um míssil.



Fonte: MICHEL III, 2018 p. 64.

Quando as tripulações foram instruídas para terceira noite, perceberam que estariam voando na mesma rota, velocidade, altitude e para os mesmos alvos pela terceira noite consecutiva. A primeira leva da terceira noite se dirigindo mais uma vez para *Yen Vien*. O moral desses tripulantes estava cada vez mais baixo levando a reclamações e até recusas a voar (MICHEL III, 2018 p. 63).

No quartel-general da Sétima Força Aérea, em Saigon, houve um profundo choque quando souberam que três B-52 tinham sido abatidos na primeira leva, rapidamente entraram em contato com a Oitava Força Aérea para informar e esta logo informou ao quartel-general do Comando Aéreo Estratégico que 10% da primeira leva tinha sido perdido, incluindo dois dos modelos G (MICHEL III, 2018 p. 66).

Agora a segunda leva, incluindo seis modelos G, estava a caminho do Vietnã do Norte para atacar o pátio ferroviário de Hanói no coração das defesas



inimigas. O general Meyer deu ordens imediatas para que as seis aeronaves modelo G fossem chamadas de volta para Andersen (MICHEL III, 2018 p. 66).

Assim os norte-vietnamitas conseguiram algo que nem alemães, nem japoneses e nem norte-coreanos nunca haviam feito, bombardeiros americanos serem chamados de volta de uma missão por temerem sofrer perdas. Na verdade, eles até poderiam prosseguir porque, sem que os americanos soubessem, os norte-vietnamitas estavam sem mísseis para disparar, seus estoques haviam se esgotado (MICHEL III, 2018 p. 66).

Como o general Meyer mandou chamar de volta os B-52G da segunda leva, ficou a dúvida se deveriam também chamar os da terceira que possuía quatro células deste modelo. Isto deixaria uma única célula de B-52D para atingir o complexo de *Kinh No* a alguns quilômetros ao norte de Hanói onde o giro de pós-alvo se daria sobre a maior concentração de mísseis SA-2 do Vietnã do Norte (MICHEL III, 2018 p. 66).

Mas no quartel-general do Comando Aéreo Estratégico já se discutia o assunto e o chefe de inteligência daquele comando exortou que devia ser mantido o ataque. Assim foi dada a ordem para os B-52G continuarem. O inimigo havia conseguido parcialmente reabastecer de mísseis os sítios da área enquanto a terceira leva seguia para o alvo (MICHEL III, 2018 p. 66).

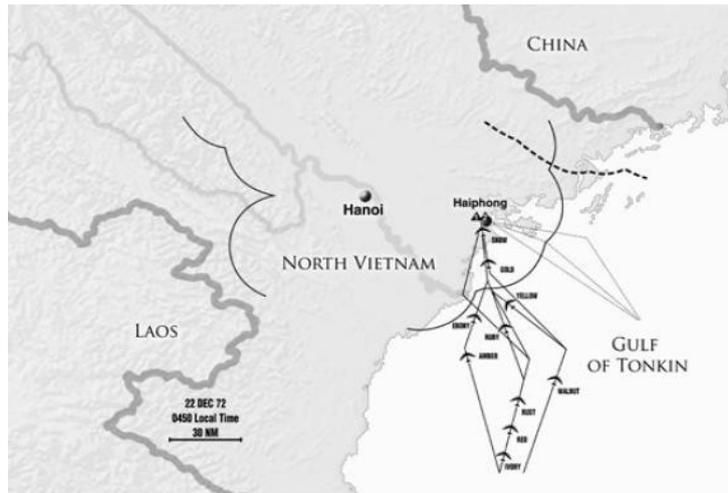
Os norte-vietnamitas consideram este dia como o “*Dien Bien Phu* aéreo” em alusão a derrota dos franceses em 1954 considerando que haviam obtido uma vitória decisiva. Dos B-52G da terceira leva dois foram abatidos e doze tripulantes mortos. Para a Oitava Força Aérea foi a última gota, depois de discutir com seu estado-maior o general Johnson entrou em contato com o Comando Aéreo Estratégico e exigiu uma imediata mudança de tática (MICHEL III, 2018 p. 67).

Na quarta noite de bombardeio, o Comando Aéreo Estratégico reduziu o número de B-52 enviando apenas uma leva às quatro horas, os norte-vietnamitas dispararam contra eles todos os mísseis que dispunham e dois bombardeiros foram abatidos. Já era um indicativo de uma clara necessidade de mudanças táticas e de rotas, os bombardeiros estavam vulneráveis, pois a persistência dos métodos só facilitava a defesa (ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 87).

As perdas da terceira e quarta noites, oito B-52, uma taxa duas vezes maior que a previsão do Comando Aéreo Estratégico refletiu de maneira muito forte. Em

Omaha eles não sabiam o que fazer, não tinham ideia de como combater os mísseis norte-vietnamitas, este era o resultado direto do planejamento longe do teatro de operações. O Comando Aéreo Estratégico estava diante de um dilema e só uma quebra de paradigmas poderia resolvê-lo (ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 87).

Figura 14 – O ataque da noite de vinte e dois de dezembro de 1972.



Fonte: ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 99.

O estado-maior do Comando Aéreo Estratégico tinha que considerar como lidar com as perdas e chegou à conclusão que devia tirar a área de Hanói da lista de alvos. Na verdade as perdas foram um choque para as tripulações, pois tinham voado anos em missões no Sudeste Asiático sem sofrer nenhuma perda. Isto afetou bastante o moral, pois o número de pessoas que estavam dando entrada no posto médico reclamando de algum mal estar subiu consideravelmente (MICHEL III, 2018 p. 72).

Em *U-Tapao* havia uma forte liderança e, desde o início da operação, o general Glenn Sullivan e seu estado-maior mostraram interesse nas missões e fizeram sugestões para sua melhoria. Na verdade, o general Sullivan havia dito ao Comando Aéreo Estratégico que suas táticas estavam erradas e isso acabou custando sua carreira (MICHEL III, 2018 p. 72).

Após as perdas das quatro primeiras noites, a Sétima Força Aérea, que apoiava os ataques dos B-52, convocou uma conferência para discutir os problemas que estava encontrando. Foi avaliado nesta reunião que como os B-52 seriam concentrados em apenas uma leva, poderiam usar todas as suas aeronaves para formar um corredor de



*Chaff* mais denso sobre a área do alvo, de forma que não fosse espalhado pelo vento (ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 94).

Quando veio a notícia de que os B-52 de *U-Tapao* iriam voar para o Vietnã do Norte pela quinta noite consecutiva (Figura 14), as tripulações ficaram bastante aborrecidas; felizmente naquela tarde, vários eventos deveriam se combinar para aliviar a situação. As tripulações descobriram que não iriam para Hanói, mas sim para cidade portuária de Haiphong (ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 97).

A grande diferença deste ataque é que além de Haiphong ser menos defendida que Hanói, eles se aproximariam pelo golfo de Tonquim, lançariam as bombas e retornariam de novo pelo golfo passando apenas alguns minutos sobre terra. A Sétima Força Aérea enviaria duas esquadrilhas para lançamento de *Chaff* formando uma cobertura de sessenta por vinte e quatro quilômetros sobre Haiphong antes dos B-52 chegarem (ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 97).

Outra boa notícia foi que, naquela tarde, Bob Hope faria um show. O famoso comediante sabia que os aviadores tinham sofrido pesadas perdas e fez tudo para que o show acontecesse antes que eles partissem para sua missão. Como esperado, Haiphong mostrou-se um alvo fácil e, pela primeira vez na *Linebacker II*, nenhum B-52 foi atingido, apesar das tripulações relatarem um grande número de mísseis disparados e de quase dois acertos (MICHEL III, 2018 p. 73).

Enquanto isso, na Casa Branca Nixon e seus assessores receberam as fotos dos ataques das primeiras três noites a Hanói, mostrando claramente que os acertos alegados, na realidade, causaram poucos danos. Era óbvio que se quisesse que os norte-vietnamitas voltassem à mesa de negociações seria necessário voltar a bombardear Hanói (MICHEL III, 2018 p. 73).

Na sexta noite, os alvos estavam ainda mais afastados das defesas norte-vietnamitas, os B-52 foram enviados para a área de armazenamento e a oficina ferroviária de *Lang Dang* perto da fronteira com a China. Era considerado um alvo de menor importância, mas o importante é que não houvesse perdas. Algumas mudanças táticas foram feitas com as aeronaves chegando ao alvo em altitudes diferentes para confundir as defesas (ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 103).

As coisas se complicaram com o apoio. O plano chegou atrasado a Sétima Força Aérea e para agravar ainda mais a situação havia mau tempo nas áreas de



reabastecimento no Laos. Apenas os F-111A, que não precisavam reabastecer em voo ofereceram apoio total para o ataque. Os B-52 voaram sem cobertura de *Chaff* e sem a supressão das defesas. A Oitava Força Aérea informou aos superiores da situação, mas recomendou que o ataque prosseguisse (ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 103).

Tudo correu bem para os B-52, o ataque foi bem fora da cobertura de mísseis e os norte-vietnamitas tiveram que usar seus MIG. Quatro deles tentaram interceptar os B-52, mas foram muito cautelosos e demoraram em perceber que eles estavam sem escolta. Definitivamente os MIG não representaram ameaça aos B-52 na *Linebacker II* (MICHEL III, 2018 p. 75).

No começo da noite de vinte e quatro de dezembro, os B-52, todos de *U-Tapao*, bombardearam o pátio ferroviário de *Thai Nguyen* bem longe das defesas de Hanói. Desta vez o *Chaff* funcionou bem, sendo lançado não só pelos F-4 mais também pelos próprios B-52, uma tática útil, mas que tinha sido proibida pelo Comando Aéreo Estratégico aparentemente porque o *Chaff* era difícil de ser transportado pelos bombardeiros (ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 117).

O presidente Nixon determinou aos Chefes de Estado-Maior a suspensão do bombardeio por trinta e seis horas por causa do Natal, mas deveria recomeçar a partir das seis horas do dia vinte e seis, hora de Hanói. Parar ataques no Natal era uma característica dos americanos na Guerra do Vietnã, ainda mais com a pressão doméstica naquela guerra (MICHEL III, 2018 p. 75).

Muitas tripulações reclamaram desta pausa, pois daria ao inimigo a oportunidade de reforçar suas defesas. E eles estavam certos, os norte-vietnamitas a estavam aproveitando bem, concluindo que Hanói ainda seria o principal alvo dos americanos. Reforçaram grandemente as defesas de mísseis da capital repondo os seus estoques, distribuindo melhor os sítios e trazendo unidades do sul (MICHEL III, 2018 p. 75).

A pausa felizmente não ajudou só os norte-vietnamitas, também permitiu aos americanos, tanto no teatro de operações como em Omaha, a tentar resolver o problema das perdas de B-52. Nas primeiras quatro noites, eles realizaram trezentas surtidas perdendo onze aeronaves, uma taxa de 3,7%. Os modelos G não modificados mostraram-se vulneráveis e depois da terceira noite, o Comando Aéreo Estratégico decidiu não enviá-los mais a área de Hanói (MICHEL III, 2018 p. 75).



O Comando Aéreo Estratégico ordenou aos oficiais de guerra eletrônica das tripulações que mudassem os procedimentos de interferência. Perceberam claramente que as células que ficavam com apenas duas aeronaves perdiam a capacidade de contramedidas eletrônicas, mas o comando ainda não deu a devida atenção ao fato, pois não acreditava que as tripulações pudessem lidar com “mudanças táticas” dizendo que isto exigiria mais estudos (MICHEL III, 2018 p. 76).

A análise deixou claro também que a rota de penetração de noroeste para sudeste a Hanói, tomada nas primeiras quatro noites, foi um erro grave. Apesar de o Comando Aéreo Estratégico insistir que esta rota evitava a maior parte das defesas inimigas, na verdade, era uma das mais bem defendidas e um regimento de mísseis ali estacionado foi responsável pelo abate de oito dos quinze B-52 perdidos na operação (MICHEL III, 2018 p. 76).

No dia vinte e quatro, Nixon se reuniu com os Chefes de Estado-Maior e decidiu que deveria ser lançado um ataque maciço contra Hanói no dia vinte e seis. O almirante Moore transmitiu a ordem ao general Meyer para que fosse feito o planejamento para esta data. Os dados foram lançados de novo e desta vez a batalha seria ganha ou perdida na noite de vinte e seis de dezembro de 1972 (MICHEL III, 2018 p. 76).

Com os americanos sofrendo pesadas perdas, não haveria razão para esperar que os norte-vietnamitas voltassem às negociações de paz. O Congresso se reuniria, cortaria o orçamento para a guerra e o Vietnã do Sul e os prisioneiros de guerra seriam abandonados. Tudo dependeria do resultado daquela histórica missão. O Comando Aéreo Estratégico não podia mais conviver com aquela situação (MICHEL III, 2018 p. 76).

Então aquele comando tomou a mais importante decisão da operação e de toda a Guerra do Vietnã. Chamou a Oitava Força Aérea e, curvando-se ao inevitável, determinou a ela que fizesse o planejamento da missão. E esta não perdeu tempo, deu instruções gerais considerando as lições das primeiras quatro noites, todas as levadas seriam reunidas em um ataque único que deveria chegar em sequência, dentro de quinze minutos, sobrecarregando as defesas inimigas (ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 119).

Uma força de apoio maciça ajudaria no ataque. O Comando Aéreo Estratégico só escolheria os alvos e forneceria dados antes da missão, eliminando a





A reunião de todos os B-52 em um único ataque permitiu a Força Aérea e a Marinha fornecer uma grande força de apoio. Pela primeira vez os F-111A atacariam os sítios de mísseis, além de dez equipes de caça e destruição para atacar os sítios visualmente, embora se considerasse que teriam dificuldades com as condições climáticas (MICHEL III, 2018 p. 77).

Vinte e quatro F-4 colocariam uma enorme cobertura de *Chaff* em forma de U sobre o alvo. Com esta cobertura os B-52 não teriam que se preocupar em ficar em um corredor estreito e a ampla dispersão do *Chaff* complementar a tática de usar várias formações de ataque. O tempo dos B-52 sobre os alvos resolveu o problema de o vento soprar o corredor, pois este só precisava ficar sobre a área por quinze minutos (MICHEL III, 2018 p. 77).

No *briefing*, a maioria das tripulações ficou entusiasmada quando viram a rota da missão. Em Andersen quando foram para às aeronaves viram uma enorme multidão de pessoal da base se aglomerando para assistir as decolagens. E o espetáculo não os desapontou. Os B-52 dispararam pela pista e o lançamento levou mais de duas horas para ser concluído. Estavam na verdade testemunhando o último lançamento de bombardeiros em massa da história (ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 127).

Em U-Tapao a manutenção foi esticada ao limite, seis B-52 abortaram ainda no solo e havia apenas dois de reserva, então apenas trinta e oito voaram na missão. Com os abortos os bombardeiros tinham quatro células com duas aeronaves, mas o comando da Oitava Força Aérea optou por não fazer nada e as células se dirigiram para Hanói em pares (MICHEL III, 2018 p. 81).

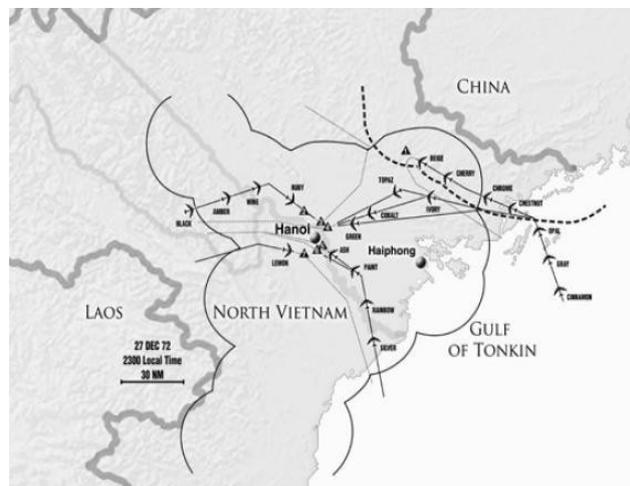
Um pouco antes das vinte e duas horas de vinte e seis de dezembro (Figura 15), os radares norte-vietnamitas relataram ao comando que estavam rastreando o padrão de batalha dos americanos: caças se reabastecendo em voo sobre o Laos, os EB-66 começando suas interferências e os F-111A cruzando a fronteira. Meia hora depois os F-4 começaram a lançar *Chaff* sobre a área de Hanói e cinco minutos depois oito deles lançaram seu corredor sobre *Haiphong* (MICHEL III, 2018 p. 81).

Estava começando o pior pesadelo dos norte-vietnamitas, um corredor de *Chaff* de oitenta por quarenta e cinco quilômetros cobriu a cidade de Hanói e outro semelhante cobriu Haiphong. Os F-111A atacaram os sítios de mísseis, pela primeira

vez na área de Hanói, enquanto aeronaves da Marinha dos Estados Unidos atacavam os da área de Haiphong (MICHEL III, 2018 p. 81).

Pela sexta vez os B-52 atacaram *Kinh No*, cujas defesas em ataques anteriores já haviam abatido três bombardeiros. Duas das três células tinham apenas duas aeronaves cada, uma foi atingida do lado direito por um míssil, danificada conseguiu voltar para a Tailândia, mas caiu ao tentar pousar em *U-Tapao* (MICHEL III, 2018 p. 82).

Figura 16 – O ataque da noite de vinte e sete de dezembro de 1972.



Fonte: ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 123.

Apesar das perdas, o ataque foi um tremendo sucesso. Em vinte e dois minutos os B-52 lançaram mais de duas mil toneladas de bombas e tudo indicava que as defesas inimigas estavam sobrecarregadas. Os dois B-52 perdidos estavam em células de duas aeronaves e isso precisava ser corrigido, mas as saídas dos alvos foram perfeitas. Além dessas mudanças, deve ser dado crédito da baixa taxa de perdas a densa nuvem de *Chaff* sobre o alvo (ALLISON; MCARTHY, 2018 p. 140).

O medo de colisões nas missões anteriores mostrou-se totalmente infundado. A separação de altitude foi eficaz e apesar de muitas células perderem o tempo sobre o alvo e das rotas de voo cruzadas, não houve erros. Infelizmente houve danos colaterais graves: bombas erraram o alvo e atingiram o Distrito Comercial na Rua *Khan Thien* matando mais de duzentos e cinquenta civis. Este incidente foi significativo, pois foi uma violação deliberada de ordens (MICHEL III, 2018 p. 84).



O bombardeio bem sucedido e o grande número de baixas mudaram a atitude dos norte-vietnamitas e, no dia seguinte, enviaram uma mensagem aos americanos solicitando o reinício das negociações de paz a partir de oito de janeiro de 1973. Nixon respondeu que estaria enviando Kissinger a Paris neste dia, mas que o bombardeio, até lá, seria mantido (MICHEL III, 2018 p. 84).

Os mísseis disparados e as perdas nas noites subsequentes levantaram questões sobre a necessidade de continuar o bombardeio. O general Clay, comandante das Forças Aéreas do Pacífico, enviou uma mensagem solicitando a suspensão dos ataques considerando que não havia mais alvos disponíveis. Ela não foi bem recebida na Casa Branca onde os políticos acreditavam que os militares estavam começando a ser afetados pela publicidade negativa dos ataques (MICHEL III, 2018 p. 85).

Enquanto os mísseis estavam causando considerável angústia nas tripulações aéreas, os norte-vietnamitas, na verdade, estavam em sérios apuros. Embora ainda possuíssem um grande número de mísseis não conseguiam montá-los nos sítios rápido o suficiente e as novas táticas americanas e os corredores de *Chaff* estavam sobrecarregando as defesas. Tentaram compensar com seus MIG, mas na verdade a batalha estava terminada (MICHEL III, 2018 p. 85).

Os norte-vietnamitas se desesperaram e solicitaram a retomada das negociações em Paris, agora para o dia dois de janeiro. Desta vez o presidente Nixon se convenceu da sinceridade deles e ordenou a suspensão dos bombardeios. O último ataque estava no ar (Figura 16) quando foi solicitado a todas as bases do Sudeste Asiático que os ataques terminariam às seis e cinquenta e nove, hora de Hanói, em vinte e nove de dezembro de 1972 (MICHEL III, 2018 p. 85).

Cerca de duas horas depois de a Oitava Força Aérea receber a solicitação avisando da suspensão do bombardeio para o dia seguinte, às vinte e três e quarenta e cinco um B-52 lançou sua carga de bombas em *Trai Ca* e retornou em segurança para sua base. A Operação *Linebacker II* chegou ao fim, à máxima de Clausewitz se cumpriu plenamente (MICHEL III, 2018 p. 85).



### 3 CONCLUSÕES

Cada uma destas operações se caracterizou por uma diversidade de resultados, apesar de todas terem os mesmos objetivos: a saída dos Estados Unidos da Guerra do Vietnã e o objetivo máximo de uma guerra, alcançar uma paz favorável. Na realidade, somente a última, a *Linebacker II*, conseguiu realizá-lo. Mas todas elas contribuíram de uma forma expressiva para o desenvolvimento do poder aéreo que colocaria a Força Aérea dos Estados Unidos num patamar do qual nunca mais desceria.

Para alguns historiadores a *Rolling Thunder* representa simplesmente um esforço desperdiçado, para outros, um estudo didático das limitações do poder aéreo. Para os aviadores não refletiu os limites do poder aéreo, mas as limitações que lhe poderiam ser impostas principalmente pela política governamental. Nenhuma outra operação da Força Aérea dos Estados Unidos revelou tanto da intromissão política.

Na verdade, o que vemos é uma mistura de todas essas coisas: mau planejamento, objetivos vagos e mal definidos, limitações políticas induzidas ou intromissão total, execução esporádica, dificuldades criadas por uma estrutura ruim e uma má execução. Com o tempo os aviadores compensaram estas deficiências simplesmente tornando-se muito bons naquilo que faziam.

Desde o início da *Rolling Thunder* faltou um plano decente, coesão organizacional e institucional, entendimento estratégico e uma clara cadeia de comando; misturava uma intervenção política distante com uma direção fragmentada no nível de teatro de operações e a desconfiança entre os líderes militares e os civis no governo. Os comandos no teatro de operações sem uma orientação objetiva se confundiam em suas ordens erráticas.

A *Rolling Thunder*, por outro lado, desencadeou mudanças generalizadas que reconfiguraram o poder aéreo não só nos Estados Unidos, mas em todo o mundo ocidental na última década da Guerra Fria. Surgiu a escola *Top Gun* para pilotos de caça da Marinha e a Escola de Armas de Caça da Força Aérea na Base da Força Aérea Nellis em Nevada, ambas contribuíram para que os programas de treinamento se tornassem menos dogmáticos e estereotipados, enfatizando uma instrução cuidadosa e realista.

No que diz respeito à *Linebacker I* observa-se que, enquanto os ataques aéreos e o reabastecimento eram críticos no Vietnã do Sul, no Vietnã do Norte os



resultados da campanha de interdição não são claros. Embora a destruição de pontes e a minagem dos portos dificultassem o transporte de suprimentos, não há evidências de que possa ter prejudicado as operações norte-vietnamitas no sul. Por outro lado, o uso de armas guiadas teve um efeito positivo nas forças armadas dos Estados Unidos.

Em poucos anos, a Força Aérea dos Estados Unidos desenvolveu um programa incomparável de treinamento que reunindo as experiências da *Rolling Thunder* e *Linebacker* chegou aos exercícios anuais *Red Flag* estabelecendo um programa ímpar de treinamento. No geral, para considerarmos o real valor da *Linebacker I* esta operação foi responsável, em suas ações no Vietnã do Sul, por deter diretamente a invasão norte-vietnamita.

Uma importante consideração é que, enquanto a Guerra Fria estava em pleno andamento, os B-52 eram necessários como parte da força de dissuasão nuclear, portanto dispensáveis em uma guerra menor. Além disso, no contexto da Guerra Fria uma campanha de bombardeio poderia levar a um aumento de ajuda ao inimigo ou mesmo intervenção direta no conflito.

Uma coisa é absolutamente certa, na época em que foi realizada a Operação *Linebacker II* era politicamente impossível retornar a situação de antes de maio de 1972, pois Nixon acabou conquistando o apoio político que precisava. Ele pode finalmente livrar os Estados Unidos do atoleiro de oito anos que fora a Guerra do Vietnã. Este conflito marcou profundamente a sociedade nos Estados Unidos perdurando por gerações.

Considerando a decisão do Comando Aéreo Estratégico de transferir o planejamento para a Oitava Força Aérea, a *Linebacker II* assumiu um papel decisivo naquele conflito e se os ataques a partir de vinte e seis de dezembro de 1972 tivessem falhado, os Estados Unidos não teriam apenas uma derrota militar, mas seu prestígio internacional estaria seriamente comprometido sem falar dos prisioneiros americanos que seriam usados como peões gerando mais humilhação.

Espera-se que este trabalho ajude no entendimento deste importante momento histórico em que o poder aéreo foi utilizado de forma a decidir um conflito que já durava mais de sete anos, apesar de seu desenvolvimento por si só ter se mostrado inútil quando empregado de maneira inadequada. É uma forma também de mostrar uma parte importante daquela guerra que é mais conhecida pelos combates



terrestres na selva e pelo emprego maciço de helicópteros em operações aeromóveis.

## REFERÊNCIAS

ALLISON, George B.; MCCARTHY, James R. **Linebacker II: A View From The Rock**. Barksdale Air Force Base, Louisiana, United States of America: History & Museums Program Air Force Global Strike Command, 2018.

DAVIES, Peter E. **B-52 Stratofortress vs SA-2 "Guideline" SAM: Vietnam 1972–73**. Ilustrado por Jim Laurier e Gareth Hector. Oxford, United Kingdom: Osprey Publishing Ltd, 2018.

EMERSON, Stephen. **Air War Over North Vietnam: Operation Rolling Thunder 1965–1968**. Barnsley, South Yorkshire, England: Pen and Sword Books Ltd, 2018.

HALLION, Richard P. **Rolling Thunder 1965–68: Johnson's Air War Over Vietnam**. Ilustrado por Adam Tooby. Oxford, United Kingdom: Osprey Publishing Ltd, 2018.

LAKE, Jon. **B-52 Stratofortress Units in Combat 1955–73**. Ilustrado por Mark Styling. Oxford, United Kingdom: Osprey Publishing Ltd, 2004.

MAROLDA, Edward J.; POLMAN, Morman. **Naval Air War. The Rolling Thunder Campaign**. Washington, DC, United States of America: Naval Historical Foundation, 2015

MICHEL III, Marshall. **Operation Linebacker I 1972: The First High-Tech Air War**. Ilustrado por Adam Tooby. Oxford, United Kingdom: Osprey Publishing Ltd, 2019.

\_\_\_\_\_. **Operation Linebacker II 1972: The B-52s Are Sent To Hanoi**. Ilustrado por Adam Tooby. Oxford, United Kingdom: Osprey Publishing Ltd, 2018.

SHERWOOD, John D. **Nixon's Trident: Naval Power in Southeast Asia, 1968–1972**. Washington, DC, United States of America: Naval History & Heritage Command, 2009.

STRATEGY ALTERNATIVES CENTER. **Operation Linebacker II: A Retrospective PART 4: Strategic Assets and Micromanagement - Vietnam 1965 – 1972**. Shreveport, Louisiana, United States of America: SAC – LSU Shreveport One University Place, 2017.

\_\_\_\_\_ **Operation Linebacker II: A Retro-spective PART 5: LINEBACKER I.** Shreveport, Louisiana, United States of America: SAC – LSU Shreveport One University Place, 2017.

\_\_\_\_\_ **Operation Linebacker II: A Retro-spective PART 6: LINEBACKER II.** Shreveport, Louisiana, United States of America: SAC – LSU Shreveport One University Place, 2017.

\_\_\_\_\_ **Operation Linebacker II: A Retro-spective PART 7: Consequences and Changes in Strategic Thought.** Shreveport, Louisiana, United States of America: SAC – LSU Shreveport One University Place, 2017.

TUCKER, Spencer C. **The Encyclopedia of The Vietnam War: A Political, Social, and Military History.** Santa Barbara, California, United States of America: Library of Congress, 2011.

WIEST, Andrew. **The Vietnam War 1956–1975:** Oxford, United Kingdom: Osprey Publishing Ltd, 2002.